

Fábio Alves dos Santos visita pela primeira vez o Movimento ATD Quarto Mundo em julho de 1999, em Méry-sur-Oise, acompanhado pelo Padre Pierre Leboulanger, que o apresenta como « advogado, professor de direito na PUC (Universidade Católica) de Belo Horizonte, vice-presidente do Conselho do Estado de Minas Gerais encarregado dos direitos humanos e, para além disso, militante ativo na luta pelo alojamento e pela Terra». Desde a sua primeira carta, em dezembro de 1999, Fábio afirma sentir-se « profundamente identificado com o ideal » do Movimento. Fala do « suporte jurídico e político » que dá a 150 famílias em risco de serem expulsas de suas casas, de seus « amigos sem-casa, do povo da rua e dos moradores dos prédios ». Fala também de « seus irmãos encarcerados »...

Faleceu bem jovem, com 59 anos, mas sua vida foi rica e proveitosa, continuando a servir de exemplo a muita gente. Pouco tempo antes de morrer, enviou-nos um resumo de sua vida :

Um registro sintético de uma vida: Fábio Santos

Nasci na cidade de Milagres, Ceará, na região do Cariri. Ali temos duas cidades de porte médio: Crato, sede da Diocese, e Juazeiro do Norte, terra do Pe Cícero Romão Batista.

Nasci e cresci em um ambiente extremamente religioso, onde as devoções católicas predominavam sobre as orientações doutrinárias do velho e conservador Pe Joaquim Alves de Oliveira. A devoção à padroeira, Nossa Senhora dos Milagres, ao Pe Cícero e aos santos impregnavam o cotidiano de todo o povo. Em casa, porém, estas práticas devocionais não eram tão fortes.

Ainda cedo comecei a estudar no colégio das Filhas de Santana. Freiras de origem italiana e muito conservadoras. Aos dez anos de idade vi acontecer o golpe militar de 1964 que contou com todo o apoio da Paróquia e das Filhas de Santana. O anticomunismo nos era pregado dia e noite.

Nascido em uma família de classe média, neto do Coronel Raimundo Alves que, por mais de vinte anos, foi o prefeito da cidade.

Na família, os pobres estavam presentes como trabalhadores. Se, porém, mostravam-se irredimidos com alguma coisa, eram tidos por preguiçosos ou revoltados. Contudo, se batiam à porta, rogando alguma esmola, sempre eram recebidos como objeto da caridade.

No colégio das freiras havia, igualmente, essa sensibilidade para uma caridade mais assistencialista aos pobres. Ainda aos dez anos, sob a orientação de Ir Oswalda de Araújo, minha catequista, todos os sábados estava eu a ajudar, no colégio, a distribuir leite em pó, óleo, farinha de milho... que nos eram enviados pela Aliança para o Progresso, financiada pelos Estados Unidos.

A semente de solidariedade aos pobres, porém, fora plantada com esmero.

Embora sem muita compreensão do fenômeno político da época, sempre me vi envolvido em assuntos da política. Minha casa era palco de reuniões com políticos e hospedava deputados e candidatos a cargos políticos vindo de Fortaleza, capital do Ceará.

Embora de uma família de treze filhos, tínhamos acesso a jornais e revistas semanais, como O Cruzeiro. Também recebíamos Seleções, órgão de divulgação ideológica dos Estados Unidos. A tônica sempre era o anticomunismo.

No colégio tínhamos acesso a uma biblioteca que nos permitia a leitura contínua de muitos e muitos livros. Em casa, dentre outras obras, tínhamos as obras completas de Jorge Amado que nos abriam para uma mentalidade mais crítica da organização social vigente na nossa terra.

Aos quatorze ou quinze anos de idade comecei a tomar conhecimento dos livros produzidos por Dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife desde abril de 1964. Por incrível que pareça as

obras de Dom Hélder ou sobre Dom Hélder me eram repassadas por Dona Letícia Lins, esposa de um chefe político da cidade e próspero industrial.

Em 1970 fui estudar no Juvenato Marista de Apipucos, no Recife, para dar início ao 2º Grau de escolaridade. Ali comecei a ter acesso a todos os pronunciamentos de Dom Hélder que eram multiplicados pelo mimeógrafo, vez que nada do que ele falava podia ser reproduzido pela imprensa.

Em 1971 e 1972, enquanto estudava em escola pública ou privada, dava aulas para alunos pobres, cujas escolas eram mantidas pelos Irmãos Maristas. Havia um ambiente de solidariedade aos mais pobres, embora vivêssemos em casas de relativo conforto.

Os anos de 1972 e 1973 conheceram o início de um retrocesso na orientação dos Irmãos Maristas, cujo governo dava uma guinada para a direita. O Postulantado e o Noviciado foram feitos nesse ambiente de tensão.

O ano de 1974 passei-o em Maceió, no Colégio Marista. Um ano perdido. Jovem cheio de ideais, ficava o dia inteiro a perambular pelos corredores do colégio, sem maiores compromissos profissionais ou intelectuais. Foi o preço pago por me ter insurgido contra a orientação ultraconservadora imprimida ao Escolasticado, no Recife.

Em 1975 retornei ao Recife, para o Colégio Marista. Iniciei o curso de Pedagogia e estreitei o contato com os trabalhos da Arquidiocese de Olinda e Recife e com os pronunciamentos de Dom Hélder. Animava-me a ação profética dos bispos do Nordeste, sobretudo a partir do documento “Eu Ouvi os Clamores do Meu povo”, de 1973.

Em fins de 1975 foi indeferido meu pedido de renovação dos votos na Província Marista do Brasil Norte. Pela intermediação do meu ex-mestre de noviços, fui para o Rio Grande do Sul, em Novo Hamburgo, onde me integrei a uma comunidade marista local. Trabalhava no colégio dirigido pelos Maristas e estudava Ciências Sociais na UNISINOS, dos Jesuítas, em São Leopoldo.

1976 e 1977 foram anos de intenso mergulho no trabalho pastoral com jovens trabalhadores e de aprofundamento em uma visão mais crítica da sociedade e da Igreja. Frequentar um Curso de Missiologia no Centro de Orientação Missionária, de Caxias do Sul, foi, para mim, privilegiado momento de fortalecer a opção pelos pobres.

Em 1978 me encontrava em Propriá, Sergipe, fazendo comunidade com o Ir Salatiel, ex-provincial Marista, e que vivia em certa diáspora no trabalho de professor e de presença junto aos pobres e aos jovens da Diocese. A Diocese de Propriá, dirigida por Dom José Brandão de Castro, contava com uma boa equipe pastoral, profundamente comprometida com as lutas do povo.

Eu trabalhava como professor em três escolas católicas da cidade. Nas horas livres, acompanhava os índios Xokó-Kariri, na vizinha Porto Real do Colégio, em Alagoas. Também os trabalhos com os jovens da cidade. Muito rapidamente me vi envolvido na luta dos posseiros de Santana dos Frades, em Pacatuba, Sergipe, luta esta que acompanhei até a vitória da desapropriação da terra no início dos anos 80.

Já em 1979 deixei a comunidade do Ir Salatiel e comecei a partilhar a vida com Jean-Noel Barro e Nanou Deghilage, voluntários belgas profundamente engajados nos trabalhos sociais da Diocese de Propriá.

Conviver com uma Igreja pobre e comprometida com os pobres era a melhor escola que poderia encontrar. Uma equipe pastoral muito comprometida e um bispo com um senso de pastoreio que sempre me impulsionava para mergulhos mais profundos.

A partir de 1979 assumi a coordenação do Conselho Indigenista Missionário – CIMI/Nordeste.

Percorria os Estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Alagoas e Paraíba, visitando as comunidades indígenas, as Dioceses, as Paróquias, as comunidades de freiras da região, as Universidades, as redações de jornais. Era intenso o trabalho de articulação dos índios entre si, dos agentes de pastoral da Igreja, dos estudantes e professores, e com a imprensa. Uma experiência mais que enriquecedora sob o ponto de vista humano, intelectual e espiritual.

Em 1983 e 1984 parei as atividades e fui para o Recife. Ali concluí o curso de Pedagogia e frequentei, por dois anos, o Curso de Teologia, no Instituto de Teologia do Recife, fundado por Dom Hélder Câmara e fechado, posteriormente, por seu sucessor.

Em 1985 vim para Belo Horizonte, onde me casei com a radialista Irma Reis, com quem tive dois filhos: Amílcar Reis Alves dos Santos e Cecília Reis Alves dos Santos. Ele, advogado. Ela, arquiteta e mestrandia em Arquitetura, na UFMG.

De imediato iniciei o trabalho com os índios de Minas Gerais, vinculado ao CIMI-Leste. O acompanhamento da luta dos Xakriabá, em Missões, foi o mais intenso e mais conflitivo. O líder Rosalino e mais dois índios foram chacinados em fevereiro de 1987. O conflito se acirrou e as terras dos índios foram liberadas. A Diocese de Januária, através do bispo Anselmo Muller e dos padres alemães da Sagrada Família, tinha muita dificuldade de compreender o nosso trabalho e a luta dos índios.

Em 1988 deixei o CIMI e passei a atuar junto aos sem-casa e aos presos, através da Pastoral de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte e da Pastoral Carcerária. Posteriormente, junto à população em situação de rua, através da Pastoral de Rua. Em 1990 concluí o Curso de Direito, na PUC Minas, onde lecionava desde o ano de 1988. O curso de Direito me proporcionou maior efetividade no patrocínio das causas envolvendo os interesses dos pobres.

No início dos anos dois mil fui convidado pelo Ir. Afonso Murad, então provincial dos Maristas em Belo Horizonte, a elaborar um projeto de assistência aos jovens encarcerados. Imediatamente estabeleceu-se uma parceria entre Irmãos Maristas, PUC Minas e a Arquidiocese de Belo

Horizonte, culminando na Constituição da Associação de Proteção e Assistência ao Condenado da Região Metropolitana de

Belo Horizonte – APAC/RMBH. Tive, assim, a oportunidade, de presidir o Conselho de Fundadores da APAC e iniciar um longo debate em torno de referido projeto. Papel fundamental desempenhou o Cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo emprestando todo o apóio político ao projeto. Dom Raimundo Damaceno, então Secretário Geral da CNBB, facilitou-nos duas audiências para que o projeto arquitetônico da lavra do professor Flávio Agostini fosse apresentado ao Ministro da Justiça. Finalmente, depois de muitos embates com o Estado de Minas Gerais, foi inaugurada a APAC de Santa Luzia. A nova orientação dada à Arquidiocese de Belo Horizonte e à PUC Minas por seu novo Arcebispo e pelo novo Reitor, respectivamente, fizeram-me ver ser oportuno desligar-me do projeto com o qual me comprometi por longos e duros sete anos. Foi uma ruptura das mais dolorosas em minha vida.

Continuei mergulhado no patrocínio das causas de inteiras comunidades dos sem-casa, através do Serviço de Assistência Judiciária da PUC Minas.

Sob o ponto de vista da fé e da metodologia de trabalho, bem como de uma teologia comprometida com a causa dos mais pobres, guardo as muitas belas lições aprendidas ao longo da caminhada com os agentes de pastoral, do CIMI e das Pastorais Sociais. Guardo, ainda, o testemunho das comunidades religiosas inseridas nos meios populares, o mais belo rosto da Igreja comprometida com os pobres. Guardo as lições de bispos e teólogos da envergadura de Dom José Brandão de

Castro, de Própria/SE; Dom Hélder Câmara, de Olinda e Recife/PE; Dom Tomás Balduino, de Goiás Velho/GO; Dom José Maria Pires, de João Pessoa/PB; Dom José Rodrigues, de Juazeiro/BA; Dom Pedro Casaldaliga, de São Felix do Araguaia/MT; Padre Paulo Suéss; Leonardo Boff; José Comblim; Padre Oscar Beozzo, Frei Carlos Mesters, Ir Ivone Gebara...

Década de 70 e década de 80 foram, para mim, tempos de grande florescimento da Igreja dos Pobres. Havia uma viva articulação dos organismos da Igreja em favor das lutas dos pobres: CPT, CIMI, Pastoral das Vilas e Favelas, CEBs... A formação seminarística era norteada para o serviço aos pobres. Havia preocupação com a formação bíblica dos membros das comunidades, cuja expressão maior era o CEBI.

Esta novidade toda, contudo, convivia com as velhas estruturas eclesiais e movimentos bem conservadores. Havia, poder-se-ia dizer, um pluralismo dentro da Igreja. Na Arquidiocese de Olinda e Recife, por exemplo, enquanto o Seminário Regional, o Instituto de Teologia, a Comissão Justiça e Paz, o Encontro de Irmãos, a Pastoral Rural e outras iniciativas de solidariedade aos pobres eram fortalecidas, convivia-se com boa parte do clero conservador e outros movimentos de Igreja não menos conservadores. O mesmo se diga na Arquidiocese de Belo Horizonte. Havia um pluralismo tensionado.

Na CNBB a realidade não era diversa. Direções, ao longo de vários mandatos, bastante progressistas e meio a um conjunto de bispos extremamente conservadores. É quando João Paulo II assume o pontificado e se começa longa, sofrida e lamentável marcha para o retrocesso. Tenta-se restaurar um modelo de Igreja piramidal, sustentado em uma teologia conservadora. A luta contra a Teologia da Libertação conhece forte impulso.

Em que pese o Concílio Vaticano II ter definido a Igreja como o povo de Deus, a sua organização ainda se assentava num modelo de Igreja episcopal e clerical. O protagonismo dos leigos e dos pobres, se bem que experimentado na base, tinha, ainda, pouca relevância na estrutura maior da Igreja. Tanto é que, pouco a pouco, o desmonte começou a se dar a partir da substituição de bispos progressistas por bispos muito conservadores. Paradigmático é o que ocorreu com a sucessão de Dom Helder Câmara. Para Olinda e Recife foi enviado um obscuro carmelita, então bispo de Paracatu, Minas Gerais, cujo trabalho principal se caracterizou pelo desmonte do que fora construído no governo de Dom Helder. Até o Seminário Regional e o Instituto de Teologia foram fechados e abertos outros nos moldes tridentinos. Isto ocorreu Brasil a fora. O resultado é o que estamos colhendo: Uma Igreja eminentemente clerical e um clero acentuadamente medíocre, pois a qualidade da teologia ministrada nos Institutos de Teologia clama aos céus. Não sem razão os movimentos carismáticos, focolarinos e tantos outros do mesmo naipe encontraram terreno fértil para prosperarem. Claro que a chama da libertação não se apagou. Permaneceu nos subterrâneos a espera de um momento propício para reaparecer na luta dos pobres.

Vinte e até trinta anos depois me volto para aquelas comunidades de posseiros, índios, sem-casa com as quais caminhei e pelas quais dei o melhor de minha vida. Confesso que não fico tão entusiasmado com o que vejo. Registramos conquista no quesito moradia, recuperação de terra e manutenção na terra. Mas não vejo uma qualidade nova nas relações interpessoais. Uma vez conquistada a casa ou a terra, o individualismo prospera e o exercício do poder se manifesta tão velho quanto nos tempos do opressor a ser combatido. Mesmo na prática política cotidiana, as velhas rapozas da política local se sentem muito à vontade com suas práticas clientelistas. O homem novo ou a mulher nova não parecem eclodir como resultado de tão sofrido processo. Comunidades

cristãs não vicejam. Ao que tudo indica não ocorreu um verdadeiro processo de evangelização. Sobre tudo isto muito gostaria de ver uma avaliação de pastoralistas, teólogos e sociólogos, para compreender o que ocorre e o que ocorreu.

Mesmo me posicionando com este aparente pessimismo, acredito piamente que o Espírito continua soprando e o movimento rumo ao novo, ao bom e ao belo continua se processando. Nunca se retrocede ao ponto de partida, E novos passos adiante poderão ser dados.

No campo do ecumenismo, o povo está sendo dividido pelas religiões. O pentecostalismo não favorece o encontro de irmãos de denominações diferentes. O fundamentalismo bíblico separa os cristãos e afastam os não cristãos. Não é a pedagogia do encontro e do diálogo que se alimenta, mas a do confronto e do distanciamento.

Nos últimos treze anos vivi uma experiência riquíssima no convívio com as comunidades do Santo Daimé da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Mais intensamente convivi com as comunidades de Santa Luzia e de Lagoa Santa. Delas recebi a melhor acolhida, sendo recebido, inclusive, como um “fardado”. Com elas vivi fortes momentos de convívio fraterno. Delas me vieram gestos mil de solidariedade e ternura. A elas sou imensamente grato. Minha visão ecumênica se expandiu neste rico convívio. Imprescindível que se criem momentos de encontro, oração e reflexão de pessoas com opções religiosas distintas, Isto é possível e, quando ocorre, tem sido muito proveitoso. As Irmãzinhas de Jesus, em Belo Horizonte, estão acolhendo um grupo constituído com pessoas de diversas orientações religiosas, para retiros de carnaval. São momentos indizíveis de comunhão e partilha. Oxalá essa iniciativa se multiplicasse e prosperasse em outros ambientes das Igrejas.

No mundo inteiro e, particularmente no Brasil, se sente um desejo incontido por mudanças no campo da política e da economia. A hegemonia da ideologia liberal e as perversas conseqüências do capitalismo parecem não encontrar mais guarida nos corações da humanidade. As guerras ainda alimentadas em diversas regiões do mundo apenas denotam a iniquidade do sistema capitalista e apontam em direção à imperiosa necessidade de mudanças. O Espírito, pois, não está dormindo. Está suscitando na história um novo movimento.

Em termos de Igreja, não se pode deixar de registrar o que de surpreendente há na eleição do Papa Francisco. Surpreendente, igualmente, foi o belo gesto de renúncia de Bento XVI. O que de tudo isso poderá resultar, estou certo, serão muitos ganhos para a grandiosa missão da Igreja de ser presença amorosa do Pai no mundo, sobretudo junto aos mais necessitados.

Há quase dois anos venho enfrentando os desafios que me são postos por um câncer de pâncreas. Quanta novidade me ocorreu neste sofrido tempo. A primeira novidade é o sentimento de ser cuidado por tantos e tantas. Familiares de perto e de longe não mediram esforços para me ajudarem na busca da cura. Vinham de longe e aqui passavam dias em inteira dedicação. Eram verdadeiros Cirineus. Não podem avaliar o que isto significou no meu coração e no meu tratamento. Mas Deus sabe.

Os amigos foram uma preciosidade. De matizes religiosos os mais diversos. De opções políticas as mais variadas. De origem social plural. Foram presenças constantes. Eram os meus melhores medicamentos. Como pude compreender o incomensurável valor de Mateus, no capítulo 25, quando

Jesus destaca a importância de se cuidar dos mais necessitados.”Eu estava doente e cuidaste de mim”. Nada mais humanizante para quem cuida, como para quem é cuidado. Eterna será a minha gratidão.

Assim se passaram meus 59 anos de vida. Sinto que esta etapa de vida terrena se aproxima do fim. E como é difícil que alguns dos meus mais próximos admitam esta possibilidade. Todos gostaríamos que outro fosse o desfecho. Mas os amorosos desígnios de Deus são outros. Desde menino minha mãe repetia o que Santa Paula Fransinetti dizia: “Vontade de Deus tu és meu paraíso”.

Com o apóstolo Paulo gostaria de dizer que combati o bom combate. Terminei minha carreira, Guardei a fé.

Claro que muitos erros cometi ao longo de tantos anos. Muitas pessoas magoei, mesmo que involuntariamente. A todos peço perdão e misericórdia.

Confio-me à prece de todos e de todas. Rogo a proteção da Boa Mãe. Abandono-me nas mãos misericordiosas do Pai.

Belo Horizonte, 24 de setembro de 2013.

Fábio Alves dos Santos

Fábio faleceu no dia 19 de outubro de 2013. Sereno e em paz até ao fim, dando força para os que o rodeavam.

Sua obra não desapareceu com ele e, em Belo Horizonte, continua havendo muita gente trabalhando com os que estão em risco de serem expulsos de suas casas e comunidades, com os catadores de papel, com os moradores de rua e com todos aqueles que são rejeitados pela sociedade e pelos poderes públicos.

Entre seus continuadores está sua filha Cecília Reis, a advogada Rosário de Oliveira Carneiro, Frei Gilvander... e muitos outros ! Continuamos em contato com eles, que nos vão dando notícias de seus combates. Sempre que eles nos enviam um mail, um artigo, uma vídeo, é como se Fábio voltasse para nos fazer uma visitinha...